

Clóvis Moura: política cultural e programa de estudos (1950-1955)

Gabriel dos Santos Rocha*

Resumo:

Neste artigo trataremos das atividades de Clóvis Moura no âmbito da política cultural do então Partido Comunista do Brasil (PCB) em São Paulo nos anos 1950. Para tanto, abordaremos a inserção do autor em *Fundamentos: revista de cultura moderna (1948-1955)*, periódico do partido dedicado a temas artísticos, científicos, políticos e econômicos. A participação de Moura nos revela sua sociabilidade intelectual e militante – sobretudo através da produção literária – no período que antecede a publicação de *Rebeliões da senzala* (1959), sua relação com as diretrizes culturais pecebistas, e traz algumas pistas de seu programa de estudos de História e Sociologia Intelectual que resultaria em seu segundo livro no campo das ciências humanas, *Introdução ao pensamento de Euclides da Cunha* (1964).

Palavras-chave: Clóvis Moura; Política Cultural; PCB; Imprensa de Esquerda.

Clóvis Moura: cultural policy and study program (1950-1955)

Abstract:

This article discusses the activities of Clóvis Moura in the cultural policy of the Communist Party of Brazil (PCB) in São Paulo in the 1950s. To this end, we address the author's insertion in *Fundamentals: magazine of modern culture (1948-1955)*, a party periodical dedicated to artistic, scientific, political and economic themes. Moura's participation reveals to us his intellectual and militant sociability in the period that precedes the publication of *Slave Quarter Rebellions* (1959), his relationship with the communist cultural guidelines, and brings some clues about his History and Intellectual Sociology study program that would result in his second book in the field of human sciences, *Introduction to Euclides da Cunha's thought* (1964).

Keywords: Clóvis Moura; Cultural Policy; PCB; Left-Wing Press.

* Doutorando em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo-SP, Brasil. Autor do "Prefácio" à 2a. ed. de *O Negro: de bom escravo a mau cidadão?*, de Clóvis Moura (Rocha, 2021a) pela editora Dandara; e de "A questão racial no Partido Comunista", no livro de Secco e Pericás (orgs.), *História do PCB*; ver Rocha (2022), dentre outros. End. eletrônico: professor.gabrielrocha@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5250-8453>. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Política cultural na Guerra Fria

Ocupar espaços culturais – ou constituir seus próprios espaços – e travar a batalha das ideias foi uma tática pecebista de luta pela hegemonia utilizada em diferentes momentos da longa história de clandestinidade do PCB¹. Em linhas gerais, ter a hegemonia consiste em tornar-se dirigente de seus aliados e dominante de seus adversários (Gramsci, 2011, p.290). Assim, os comunistas integraram frentes populares com o objetivo de intervir nos diferentes cenários políticos como o Bloco Operário e Camponês (1927-1930) e a Aliança Nacional Libertadora (1934-1937), participaram de campanhas como o Queremismo (1945), O Petróleo é Nosso (1948-1953), Movimento pela Paz Mundial (1948-1956), ora atuaram nos sindicatos oficiais, ora formaram organizações independentes de trabalhadores, também fundaram Comitês Populares nos bairros, atuaram em escolas de sambas, grupos de teatro, centros de cultura, movimento estudantil etc.

No campo da produção de conhecimento, intervenção cultural, agitação e propaganda, e também formação de quadros, os comunistas constituíram uma infraestrutura intelectual² própria a partir de gráficas, jornais, revistas, livros, editoras, livrarias, bibliotecas, escolas de quadros, cursos, etc.

A organização ideológica das classes sociais é, de certa forma, material. Portanto, o historiador precisa ter cautela ao estudar o desenvolvimento da indústria tipográfica, de jornais, como se eles fossem estruturais apenas porque se expressam materialmente. “Há superestruturas que têm uma estrutura material, mas o seu caráter permanece o de uma superestrutura”, diz Gramsci (Secco, 2017, p. 26)

Compreendemos, portanto, a infraestrutura intelectual como o conjunto de condições materiais e imateriais de formação intelectual: além dos livros, periódicos, bibliotecas, livrarias, arquivos, centros de pesquisa, escolas, universidades e outras instituições, o próprio partido político com suas sedes, quadros intelectuais³, grupos de estudos, etc. A infraestrutura intelectual pode ser definida pelas relações sociais de produção e circulação de conhecimento que, em última instância, são

¹ Os curtos períodos de legalidade do PCB desde sua fundação até o fim da ditadura militar em 1985 foram: março a junho de 1922; janeiro a agosto de 1927; setembro de 1945 a maio de 1947 (Abreu, s.d.).

² Lincoln Secco (s.d.) define Infraestrutura intelectual referindo-se à infraestrutura dentro da própria superestrutura, a partir das observações de Gramsci acerca do prefácio à Contribuição para a crítica da economia política, de Marx.

³ Utilizamos acepção de Gramsci na qual o intelectual não se define pelo tipo de atividade que exerce, e sim por exercer tal atividade (intelectual) em determinadas condições no conjunto de relações sociais. Do mesmo modo que o operário não é definido especificamente pelo trabalho manual, mas por exercer tal trabalho em determinadas condições e relações sociais (Gramsci, 2016).

condicionadas pelo desenvolvimento das forças produtivas e pelas relações sociais de produção da vida material de cada sociedade.

Cabe ressaltar que, desde a esquerda, o funcionamento de tal estrutura teve que se adaptar às condições de repressão e perseguição política de cada contexto histórico, e operou concomitante às disputas ideológicas nos espaços legais da sociedade civil. Inclusive a luta pela legalidade que foi constante na história do PCB. A política cultural teve um importante papel neste tema.

Em âmbito nacional, o início da Quarta República (1946-1964) coincidiu com o advento da Guerra Fria (1947-1991) na esfera internacional. Os conflitos políticos e ideológicos entre EUA e URSS tiveram consequências no Brasil, dentre as quais, novamente, a cassação do PCB e sua bancada de 14 deputados e 1 senador, depois de um curto período de legalidade (1945-1947). Impedidos na política parlamentar, os comunistas intensificaram a disputa cultural na tentativa de expandir sua influência para amplos setores da sociedade. A Associação Brasileira de Escritores (ABDE) foi um importante palco dessa disputa (Melo, 2011), e foi neste contexto que o jovem comunista Darwin Brandão, escritor e jornalista capixaba que vivia em Salvador convidou seu camarada de partido, Clóvis Moura, também jovem, que vivia em Juazeiro a se juntar àquela associação de escritores e fundar uma seção municipal na pequena cidade à beira do rio São Francisco (Brandão, 1948).

A ABDE foi fundada em 1942 com a proposta de regulamentar questões em torno do ofício de escritor, no entanto, desde o início já trazia contornos políticos bastante evidentes, tais como a reflexão e o debate sobre o papel social do escritor no mundo contemporâneo e a defesa de princípios democráticos, os quais foram temas centrais no I Congresso da Associação em janeiro de 1945 na cidade de São Paulo. Entre 1942 e 1945 a Associação foi um importante polo de oposição ao Estado Novo, sendo, desde então, e nos anos subsequentes, um espaço de disputa política. Em 1958 a ABDE se transformou em União Brasileira de Escritores (Melo, 2011, p.718) na qual Clóvis Moura seguiu como membro.

O II Congresso da ABDE ocorreu em outubro de 1947 em Belo Horizonte (MG). Na ocasião o PCB já estava com seu registro cassado junto ao TSE, fato que motivou seus militantes a manobram os debates e aprovarem uma moção formal contra a cassação do registro da legenda e de seus parlamentares em nome da Associação, no penúltimo dia do Congresso. Tais disputas foram aguçando o clima de animosidade entre os membros da associação alinhados e os não alinhados aos comunistas, que culminaria com a saída de muitos membros do segundo grupo (Melo, 2011).

Era dezembro de 1948 quando Darwin Brandão convidou Clóvis Moura a se juntar à ABDE e fundar uma seção da mesma em Juazeiro. No meio literário já se comentava os preparativos para o III Congresso da Associação previsto para o ano seguinte em Salvador que, no entanto, acabou sendo adiado para abril de 1950. Não sabemos se a referida sede da ABDE foi fundada em Juazeiro, mas Moura foi

delegado do III Congresso (Oliveira, 2009, p.68). Àquela altura as disputas políticas pela direção da associação e, por sinal, os esforços dos comunistas em fazerem valer suas pautas, eram tantos, que Pedro Calmon, em artigo no jornal *Estado da Bahia*, chegou a se referir àquela edição do encontro como um “Congresso Marxista” em Salvador (Calmon, 1949 apud Groba, 2012. p. 25).

Naquele mesmo ano do III Congresso da ABDE, Moura se mudou com a família para São Paulo. Trouxe consigo uma experiência inicial na política cultural do partido, adquirida na Bahia. Desde meados dos anos 1940, o autor se inserira nos círculos literários da esquerda baiana, era solicitado para publicar poesias e textos de crítica literária em periódicos como *Caderno da Bahia* e *A Tarde*. Ainda jovem, Moura passou a exercer funções organizativas e conectivas nos processos de formação de hegemonia de seu partido: tornou-se um intelectual orgânico (Gramsci, 2016). Em Juazeiro fundou seu próprio jornal *O Jacuba*, colaborou com *O Momento*, periódico do PCB editado em Salvador, e chegou a concorrer o pleito de deputado estadual em 1947 pelo Partido Socialista Brasileiro⁴ (Malatian, 2022).

Política cultural em São Paulo

Em São Paulo, Clóvis Moura viveu as 5 décadas subsequentes, até o fim da vida em 2003, a maior parte do tempo na capital e curtos períodos em Araraquara (início dos anos 1950) e São Carlos (final dos 1960 e início dos 1970). Estabeleceu-se como jornalista profissional, trabalhando em jornais como *Última Hora* (1952-1958) de Samuel Wainer, *Diários Associados* (1959) de Assis Chateaubriand, *Correio Paulistano* (1960), *Folha de São Carlos* (1969-1972), etc. Foi um autodidata: seu jornalismo se desenvolveu na militância, assim como, em grande medida, também se desenvolveu sua formação teórica (Oliveira, 2009).

A inserção de Moura na política cultural do PCB paulista também ocorreu através da imprensa com destaque para o jornal *Notícias de Hoje* (1953-1954), a colaboração com 3 artigos na revista *Brasiliense* e sua participação no Conselho Editorial de *Fundamentos: revista de cultura moderna*, além da publicação de 7 textos de sua autoria naquele periódico. Em Araraquara o autor fundou e dirigiu, junto com sua irmã Maria do Rosário Moura, a revista *Flama* (1951-1952) que teve 5 edições, e foi monitorada pelo DEOPS, considerada veículo de “caráter comunista” (Malatian, 2018).

Na cena cultural e intelectual do PCB paulista se destacavam figuras como Heitor Ferreira Lima, Elias Chave Neto, Artur Neves, Vilanova Artigas e Caio Prado Júnior com o qual Moura já havia se correspondido anos antes quando vivia

⁴ Com o PCB na clandestinidade, os comunistas faziam acordos para se candidatar por outras legendas. Clóvis era sobrinho de João Mangabeira, um dos fundadores do PSB (Oliveira, 2009). Durante a ditadura militar comunistas conquistaram algumas cadeiras parlamentares pelo MDB (Secco, 2017).

em Juazeiro. Certamente, Caio Prado Júnior estava entre as figuras mais influentes do PCB de São Paulo⁵, ainda que não exercesse influência política – teórica, muito menos – no partido em âmbito nacional. Contudo, o autor de *Formação do Brasil Contemporâneo* foi uma importante referência intelectual para Clóvis Moura. A despeito de algumas divergências que surgiram com o tempo – sobretudo quanto ao papel do negro escravizado na história –, teoricamente Moura esteve muito mais próximo de Prado Júnior do que da linha oficial do partido, que por muito tempo seguiu ecoando formulações VI Congresso da Internacional ocorrido em 1928⁶. Isso não significa que o historiador paulista tenha sido a única referência: Edison Carneiro e Nelson Werneck Sodré também foram importantes interlocutores.

Ainda que a formação intelectual de Moura tenha se iniciado com a militância comunista na Bahia, cabe considerarmos que o autor se mudou para São Paulo com 25 anos de idade, e viveu no estado até o final da vida aos 78 anos. Desde 1950 sua formação seguiu no comunismo paulista, fato que nos ajuda a entender a influência de teórica de Caio Prado Júnior em sua obra, assim como, sua aproximação com o grupo de intelectuais das revistas *Brasiliense* e *Fundamentos*.

Fundamentos: revista de cultura moderna (1948-1955)

Fundamentos: revista de cultura moderna foi editada em São Paulo entre junho de 1948 e dezembro de 1955, teve 40 edições e um suplemento. Pode ser considerada uma das principais revistas de cultura do PCB naquele período. Monteiro Lobato foi o fundador e primeiro “redator-chefe” do periódico. Com seu falecimento em julho de 1948, Afonso Schmidt assumiu o cargo no qual se manteve até o último número em dezembro de 1955. Literatura – com destaque para a crítica literária –, ciências, artes plásticas, música e folclore foram os principais temas editados no periódico. No entanto, *Fundamentos* se apresentava como uma “revista de cultura” que não se restringia aos temas artísticos e científicos, mas que também abordava problemas políticos e econômicos (Santos, 2016, p.14).

Ao estudar a agenda cultural e o engajamento de revistas comunistas brasileiras no primeiro decênio da Guerra Fria, Luciana Arbex (2012) chamou a atenção para três temas recorrentes nos periódicos: 1) os Congressos da ABDE; 2) o Movimento pela Paz Mundial; 3) formulações sobre a estética do realismo

⁵ Já vinculado ao PCB, nos anos 1930 o autor foi presidente regional da ANL em São Paulo (Pericás, 2016; Secco, 2008)

⁶ Tal linha do VI Congresso caracterizou Brasil e América Latina como semifeudal e considerou a revolução em duas etapas: 1) democrático-burguesa (aliança do proletariado com a burguesia industrial contra os latifundiários e o imperialismo); 2) revolução proletária. Tal caracterização não é reproduzida por Prado Júnior e Moura, mesmo que ambos vejam o latifúndio e o imperialismo como problemas cruciais.

socialista⁷. *Fundamentos* foi objeto de pesquisa da autora, ao lado das revistas *Literatura* e *Horizonte*. Em consonância com as diretrizes do partido, os três temas destacados constaram na agenda de Clóvis Moura e aparecem ora implícita, ora explicitamente em suas publicações em *Fundamentos*.

Eduardo Santos considera que a revista *Fundamentos* “serviu como um espaço em que as diferenças em relação às teses oficiais defendidas pelo partido vieram a público e onde os intelectuais ligados ao PCB se posicionaram de modo particular, ao expressar pontos de vista singulares em meio a sua atuação quanto militantes” (Santos, 2016, p.17). Ainda que houvesse certa identidade e unidade, e um visível objetivo doutrinário; a unidade não era plena e o conteúdo dos discursos não eram idênticos. O autor identifica “fissuras na pretensamente sólida edificação ideológica do partido”.

Nela [a revista], não apenas circularam discursos oficiais que transmitiam as diretrizes e retificavam o comportamento do militante, como também divergências afloraram e puderam chegar a um público que ultrapassava as fronteiras da organização, ainda que para entender essas divergências como tais, para poder discernir entre os discursos concorrentes que ocupavam o mesmo espaço, fosse preciso ter domínio da linguagem empregada pelos comunistas, do jargão compartilhado entre eles” (Santos, 2016, p. 16-17)

Não trataremos aqui das diferenças ou divergências entre os militantes. Contudo, as considerações do autor supracitado contribuem para elucidar diferentes visões no interior do PCB que, ora, se expressavam regionalmente. A exemplo, já mencionado, das formulações teóricas de Caio Prado Júnior sobre a História do Brasil que influenciaram Clóvis Moura e comunistas paulistas, porém não tiveram aderência na linha oficial do partido nacionalmente. Contudo, como veremos, a participação de Moura em *Fundamentos* nos revela sua inserção nos debates da agenda comunista brasileira daquele período, além de temas relevantes de seu programa de estudos de História e Sociologia Intelectual.

Literatura e engajamento

Em *Fundamentos*, Moura publicou 3 poemas e 4 artigos⁸, participou do Conselho de Redação, e possivelmente escreveu várias das colunas na seção “Livros e Revistas”, dedicada a resenhas e comentários sobre produções científicas e

⁷ Além desses, a luta pela nacionalização do petróleo foi tema recorrente nas páginas de *Fundamentos*.

⁸ No currículo de Moura consta a publicação de “Situação do Brasil como Nação Soberana”, em *Fundamentos*, nº 40 (Oliveira, 2009). Infelizmente não encontramos esta que teria sido a última edição da revista, portanto, comentaremos apenas os textos que estão disponíveis.

literárias, onde o autor assina C.M. Inferimos que seja Clóvis Moura, pois é o único nome com estas iniciais dentre todos os que constam no Conselho de Redação. Ressalta-se que o autor já vinha exercendo a crítica literária na imprensa comunista desde sua militância na Bahia nos anos 1940.

Moura passou a integrar o Conselho de Redação de *Fundamentos* na edição de número 35, em outubro de 1954. Na ocasião a redação e administração do periódico localizava-se na avenida Ipiranga, 570, 1º andar (São Paulo, SP). No entanto, seu nome já havia aparecido antes nas páginas da revista, em notas informativas ou assinando artigos. A primeira vez foi na 18ª edição de 1951, em uma breve nota que anunciava o ressurgimento da revista *Seiva* em Salvador, “sob a direção dos escritores Wladimir Guimarães, Luiz Henrique Dias Tavares e Clóvis Moura [...] Com a consigna ‘Mensário de cultura nacional e popular’, *Seiva* ressurgiu como instrumento vivo do pensamento sadio, democrático e progressista”. E continua a nota assinada com as iniciais W.S, provavelmente Walter Sampaio, escritor sergipano e militante do PCB que colaborou com vários números da revista, inclusive com aquela edição:

Armados dos mais elevados propósitos e valendo-se do valioso instrumento da ciência, compreendem, os que fazem *Seiva*, a íntima relação entre cultura e condições materiais de vida e que somente quando estas condições se tornarem propícias é que será possível a democratização da cultura. Entretanto eles também compreendem que isso “não exclui a necessidade de iniciar, desde logo, uma verdadeira revolução cultural, a criação de uma cultura nacional e popular realista, oposta a cultura decadente da burguesia, que é cosmopolita⁹, antipopular e antinacional (1951).

A revista *Seiva* foi o primeiro periódico antifascista que circulou durante o Estado Novo. Editada pelo Comitê Regional baiano do PCB, teve uma primeira fase entre 1938 e 1943 com 18 números, e posteriormente uma segunda fase com 5 números entre 1950 e 1952 com a direção de Moura, Guimarães e Dias Tavares (Ferreira, 2012).

O nome de Clóvis Moura voltou a aparecer em *Fundamentos* ainda em 1951 na 22ª edição, desta vez assinando o “Poema Aniversário” em homenagem a costureira e militante comunista Elisa Branco que na ocasião encontrava-se encarcerada há 1 ano por ter protestado contra o envio de soldados brasileiros para Guerra da Coreia (1950-1953). Apesar da solicitação da ONU e das pressões dos EUA, o governo brasileiro negou o envio de tropas. O pedido foi feito ainda no mandato de Dutra, e foi reiterado para Vargas que, por sua vez, propôs exportar minérios estratégicos

⁹ O termo “cosmopolita” aparece frequentemente com conotação pejorativa no discurso nacionalista do PCB daquele período.

para as forças da ONU em troca de recursos financeiros para reequipar o exército brasileiro (Costa, 2017).

No dia 7 de setembro de 1950 no Vale do Anhangabaú (São Paulo/SP), Elisa Branco abriu uma faixa protestando contra a possível participação do Brasil naquela guerra, em meio a um desfile militar do dia da Independência, diante do presidente Dutra e de autoridades militares. A costureira e comunista foi condenada a 4 anos de prisão, tornou-se um símbolo de resistência contra a opressão política, sendo homenageada por figuras como Jorge Amado e Pablo Neruda, a campanha por sua libertação se internacionalizou. Em 1952, Elisa ganhou o “*Prêmio Stálin da Paz*”¹⁰ (Teixeira, 2023). Clóvis também prestou sua homenagem à camarada nas páginas de *Fundamentos*:

Que dizia aquela faixa
que os corvos arrebataram
das mãos tão brancas de Elisa?
Era acalanto, era balsamo,
era riso, destemor.
Era mensagem que os pássaros traduziam
em seu amor:
“OS SOLDADOS NOSSOS FILHOS
NAO IRÃO PARA A CORÉIA”.
Não irá para a Coréia
o fruto de nosso amor.
Nossos olhos terão lágrimas
que se cristalizarão
e serão balas de vidro
mais duras que as de canhão.
Contra a guerra lutaremos,
nossos filhos ficarão! (Moura, 1951)

O ato que resultou na prisão de Elisa vinculava-se a agenda do Movimento pela Paz Mundial (1948-1956) encabeçado pelos comunistas internacionalmente já no início da Guerra Fria. O Movimento foi tematizado recorrentemente em *Fundamentos*, e teve como marco o Congresso Mundial dos Intelectuais pela Paz, ocorrido em Breslau (Wrocław) na Polónia entre 25 e 28 de agosto em 1948. O evento reuniu cerca de 390 intelectuais e artistas, comunistas ou identificados com a esquerda, de 45 países, dentre os quais William Gropper, Pablo Picasso, Pablo Neruda, Paul Eluard, Anna Seghers, Ilya Ehrenburg, Georg Lukács, Nicolás Guillén, Alexandre Fadeiev, Louis Aragon, Julian Huxley e Renato Guttuso. Representaram o Brasil, Jorge Amado, Carlos Scliar, Claudio Santoro, Arnaldo Estrela, Zora Seljan, Ana Stela Chic, Mário Schenberg, Paulo Emílio Sales Gomes e Vasco Prado (Arbex, 2012, p. 12-13)

¹⁰ Criado na URSS, em 1949, foi renomeado como *Prêmio Lenin da Paz* em 1956. Deixou de ser distribuído em 1991.

Na mesma edição em que homenageou Elisa Branco, Clóvis assinou uma Moção Pela Paz junto com Afonso Schmidt, Vilanova Artigas, Miguel Costa Filho, Caio Prado Júnior, Artur Neves, e outros:

Acreditamos que a nossa civilização não poderá sobreviver a uma terceira guerra mundial. Intelectuais, homens de letras, participantes do III Congresso Paulista de Escritores, sabemos o que significaria para as ciências, as letras e as artes, o desencadeamento da violência armada mais do que nunca incontrolável. Podemos estar divididos em nossas concepções, nossas crenças ou opiniões. Mas uma certeza nos une: a paz é indispensável ao desenvolvimento e à conservação das civilizações humanas, e é possível aos governos, desde que respeitem a vontade de seus povos, resolver entre si, através de negociações, todas as questões litigiosas (1951).

Na seção Livros e Revistas da edição 24 de 1952, há uma nota sobre a revista *Flama* que acabava de ser lançada em Araraquara sob a direção de Clóvis, referido como um colaborador de *Fundamentos*. Do mesmo modo que em Juazeiro, o autor levava para o interior de São Paulo seu trabalho literário e jornalístico, junto com a política cultural do partido.

[...] esse mensário ilustrado se propõe a “ser o veículo progressista e honesto da vida social, artística, esportiva e cultural do Município” que “editado em Araraquara, possa circular e ser útil em todo o Brasil”. No intuito de estimular o desenvolvimento dos novos escritores, instituiu a revista um concurso de contos, oferecendo prêmios para os dois primeiros colocados (1952).

Moura também aparece em uma nota de divulgação em *Fundamentos*, nº 30 de 1952, como colaborador do segundo número da revista da ABDE. No ano seguinte a edição 31 traz seu poema *A Rosa e a Mosca*, sobre a Guerra da Coréia (1950-1953), com uma mensagem de apoio às forças socialistas coreanas e a autodeterminação dos povos contra o imperialismo estadunidense.

Os campos da Coréia semeados
de verduras, de flores e de frutos:
cidades tumultuam a geografia:
Seul resplande, destruída embora.
Olhos de camponeses miram a terra
boa, molhada e farta agora e sempre.
Calcária paisagem branca e fria,
estrugem rosas sobre a terra, o húmus
fertilizando e amenizando os frutos.
Mais adiante é a guerra extertorante,
exércitos em luta, os invasores

que de Norte-América em aviões
a jacto descem compactos” para morrer dispersos,
rotos, fugindo pelas terras frias,
atacam patriotas que resistem.
[...] Exércitos, cotidianamente,
descem nas terras Norte-coreanas.
Mas, mesmo assim, a madrugada avança
com as vitórias das forças populares,
tropas que marcham eretas como lança,
mar de braços, de olhos, de vitória
que conduzem a bandeira de esperança! (Moura, 1953)

O poema foi publicado em janeiro de 1953. Em 27 de julho daquele mesmo ano foi assinado um armistício que, embora tenha cessado o conflito armado, até hoje não estabeleceu um tratado de paz entre os dois lados. Contudo, este poema de Moura nos traz um tema internacional que refletia na agenda dos comunistas brasileiros naquela etapa “quente” da Guerra Fria.

Uma declaração pública da militância pecebista de Moura está no poema “Canto ao Programa do Partido Comunista do Brasil” publicado na edição 35 em 1954.

[...] Programa do meu Partido
que embala o sono e é vigília,
que renasce em cada berço,
que é bandeira em cada mão.
Bandeira feita de brisa que penetra o coração.
Ah, vigília, sentinela,
timão que conduz ao porto
chamado revolução
Certeza, só temos esta,
caminhos – só temos um.
[...] O anel que tu me deste
era vidro, se quebrou;
o amor que tu me tinhas era pouco, se acabou.
Mas, no mar encapelado,
esta certeza ficou.
Esta certeza que é rocha
e que o mar não desmanchou.
O anel que tu me deste era vidro, se quebrou.
Mas as letras do Programa são lava, são viva chama:
— e esta certeza ficou (Moura, 1953).

Em 1954, na 34^a edição da revista, Moura publicou um artigo em homenagem ao centenário de José Martí (1853-1895), poeta e ensaísta líder da Independência de Cuba que tornou-se um importante símbolo para os revolucionários latino-americanos. O artigo foi publicado um ano após o centenário

de Martí, e também após o levante contra o Quartel Moncada em 26 de julho de 1953, liderado por Fidel Castro. No entanto, este fato que deu origem ao movimento revolucionário que triunfaria anos depois em janeiro de 1959, e levaria Cuba ao socialismo, não foi mencionado no artigo de Moura (àquela altura nem se cogitava que a ilha se tornaria socialista em uma década). Do mesmo modo não há qualquer referência a Fidel (que àquela altura ainda não era marxista). O texto homenageia Martí como símbolo da luta anti-imperialista latino-americana, tema candente no discurso dos comunistas brasileiros daquele período.

O pensamento político de Martí, da forma como foi enunciado na época pelo seu autor, ainda é para todos nós, povos americanos, um grande manancial de experiências, não só pela sua profundidade teórica que muitas vezes chega a surpreender, como pela sua atualidade. Uma das facetas mais atuais do seu pensamento é, sem nenhuma sombra de dúvida aquela que se refere às ameaças frontais do imperialismo ianque à independência e segurança dos povos semicoloniais e dependentes. Sua posição, nesse particular, foi sempre incontestavelmente clara e os escritos que deixou sobre o assunto poderiam formar uma antologia atualíssima em muitos aspectos (Moura, 1954).

Além de recuperar aspectos dos ensaios políticos de Martí, Clóvis também fez uma apreciação da poesia do líder da independência cubana: “sua obra literária como sua vida política são exemplos às gerações atuais do nosso continente. Essa volta aos temas nacionais e a procura de uma forma popular, firmemente apoiada no tablado cultural cubano, vinha-lhe como emanação orgânica de seu conceito sobre as soluções também nacionais para os problemas gerais de Cuba” (Idem).

Como vimos, os excertos da produção de Moura destacados até aqui, com exceção deste último, consistem em sua produção poética que, nas páginas de *Fundamentos* assumem um teor explicitamente engajado e alinhado à agenda do PCB. Diferente das poesias reunidas em seus livros autorais como *Âncora do Planalto*, *Argila da Memória*, *Espantinho na Feira* etc., nos quais o autor traz mais referências biográficas, com destaque para suas origens nordestinas (Malatian, 2022).

Por fim, no próximo tópico identificamos textos de Clóvis Moura publicados no periódico que se vinculam a sua agenda de estudos sobre o pensamento social brasileiro.

Programa de estudos: História e Sociologia Intelectual

Em 8 de maio de 1952, Vilanova Artigas escreveu uma carta confirmando que um artigo de Clóvis seria publicado na próxima edição de *Fundamentos*. Tratava-se de “Sobre o cinquentenário de *Os Sertões*”, que de acordo com Artigas “veio

mesmo a calhar porque estamos publicando uma série de estudos sobre Euclides. Um deles de Gonçalves Machado, foi reproduzido em *Jornal de Debates* (título – Euclides Socialista)”. Artigas ainda trouxe a ideia de publicarem uma edição da revista sobre o autor de *Os Sertões* e solicitou a Clóvis mais um artigo. O arquiteto também mencionou efemérides que os editores deixaram passar tais como o 30º aniversário do partido e o aniversário de Stálin, mas asseverou: “Em compensação, fomos a única revista a cumprir as deliberações do Conselho Mundial da Paz comemorando Vitor Hugo e Da Vinci”. E ainda:

Não esqueça de *Fundamentos* e sempre que possível mande uma colaboração. Não há por aí alguém interessado em assuntos econômicos, café, algodão que queira escrever? Se não for possível conseguir artigos, reportagens sobre situação econômica de certos produtos, condições de exploração de trabalhadores do campo etc... O seu direito de criticar ficou intacto; não deixe de escrever-nos. Abraços (Artigas, 1952).

Em 1952 Moura vivia em Araraquara, o que explica a comunicação por correspondência. A referência ao direito de criticar demonstra que se havia alguma razão na metáfora do monólito, muitas vezes atribuída ao PCB, também devem ser consideradas as fissuras ali existentes, e as divergências que por vezes se afloravam (Santos, 2016). Não sabemos qual era a divergência em questão. Talvez as críticas de Moura se refiram às efemérides que os editores da revista deixaram passar, e que o interlocutor mencionou em sua resposta. Contudo, a carta de Vilanova Artigas traz temas recorrentes nas páginas da revista, por sua vez, caros ao PCB: além da cultura, a economia e o mundo do trabalho. Nota-se que o assunto tratado por Clóvis no referido artigo, “Sobre o cinquentenário de ‘Os Sertões’”, vai além da agenda partidária e passa a integrar seu próprio programa de estudos sobre o Brasil: especificamente, Euclides da Cunha pode ser tomado como o ponto de partida dos estudos de História e Sociologia intelectual que serão desenvolvidos por Moura ao longo de sua obra.

Naquele artigo Clóvis considerou que *Os Sertões*, por ter “um lastro intelectual eivado de contradições” poderia ter enveredado por um caminho reacionário, porém, ao contrário se impôs como “uma arma poderosa de luta, um libelo acusatório contra nossos males sociais que, nas páginas vigorosas do livro, eram analisados com uma coragem ímpar entre os intelectuais do tempo” (Moura, 1952). Dando continuidade ao tema, anos depois, publicou “Euclides da Cunha e a realidade nacional” na edição 38 de *Fundamentos* em 1955.

Talvez Clóvis Moura ainda seja mais conhecido por sua notória produção historiográfica e sociológica sobre a escravidão, a questão racial no pós-abolição e o protesto negro nos diferentes períodos, na qual destacam-se *Rebeliões da Senzala* (1959), *O negro: de bom escravo a mau cidadão?* (1977), *Brasil: raízes do protesto negro* (1983), *Sociologia do Negro Brasileiro* (1988), *Dialética radical do Brasil negro* (1994), *Dicionário da*

escravidão negra no Brasil (2004), citando apenas alguns títulos. No entanto, foi também um estudioso do pensamento social brasileiro e teve contribuições importantes na Sociologia e na História intelectual com *Introdução ao Pensamento de Euclides da Cunha* (1964), *A Sociologia posta em questão* (1978), *As injustiças de Clío* (1990), além de artigos e capítulos de livros onde tratou o tema. Os dois artigos de Clóvis sobre Euclides e sua obra, publicados em *Fundamentos*, respectivamente em 1952 e 1955 já esboçam ideias que posteriormente foram aprofundadas no livro de 1964 dedicado ao autor d'*Os Sertões*.

Nos anos 1950 Euclides da Cunha era referência consolidada para a intelectualidade dos diferentes campos político-ideológicos polarizados no contexto da Guerra Fria: de conservadores a comunistas. O ecletismo do autor que ia de Herbert Spencer a Karl Marx, assim como, as contradições que marcaram sua trajetória possibilitavam que cada grupo ressaltasse o Euclides que lhe convinha: do evolucionismo ao socialismo. No entanto, Moura buscou compreender o autor d'*Os Sertões* em sua totalidade, situando-o historicamente. Se por um lado havia uma influência de ideias socialistas, por outro Euclides “batia-se em contradições insolúveis, tentando interpretar uma realidade com teorias que não satisfaziam nem à sua inteligência nem ao seu coração” (Moura, 1955, p. 30)

Sem desconsiderar que Euclides tenha flertado com ideias socialistas, Moura percebe que o positivismo e o evolucionismo foram muito mais influentes no escopo teórico do autor. Mesmo não sendo um spenceriano ortodoxo “Euclides da Cunha tem como unidade metodológica em todos os seus trabalhos, um evolucionismo spenceriano que, através dos tempos, vai se modificando à medida que se agregam ao seu conjunto de conhecimentos outras teorias correlatas que surgem paralelamente a Spencer”. Foi também influenciado por Ratzel, Lapouge, Lombroso, Comte, Gumplowicz. “Suas teses centrais são tiradas das linhas mestras dessas teorias, todas elas passos de retrocesso no processo de desenvolvimento do pensamento social”. Em carta a Araripe Júnior, Euclides (1903) diz ser “um discípulo de Gumplowicz” (Moura, 1955).

E mesmo que Euclides tenha tido algum contato com textos de Marx, seu pensamento era eclético, e os elementos progressistas ali presentes o aproximam dos chamados “socialistas utópicos”. Inclusive, o autor assinava artigos no jornal *A Província de S. Paulo* (posteriormente *O Estado de S. Paulo*) com o pseudônimo Proudhon. Mesmo tendo afirmado que o pensamento de Marx era superior a Proudhon (Cunha, 1904), Clóvis considerou que Euclides “nunca foi ganho ideologicamente para as posições do socialismo científico, como pretendem alguns de seus críticos (Moura, 1955).

[...] no fim da vida, após os estudos para a cadeira de *Lógica*, Euclides revela como sua formação ideológica não havia avançado muito em direção ao marxismo. Lamentando a situação do pensamento filosófico da época, dizia: ‘felizmente

aí estão os Georges Dumas, Durkheim, Poincaré, e, na Áustria o lúcido Ernst Mach – almas novas e claras que nos reconciliam com a filosofia (Moura, 1955, p. 31)

Ao invés de defender um “Euclides socialista”, Clóvis abordou as contradições do autor. Não desconsiderou o progressismo de Euclides da Cunha, porém, apontou os limites teóricos do evolucionismo, do positivismo e da eugenia presentes em sua obra. E não deixou de reconhecer os méritos do ensaísta: a despeito das referências teóricas reacionárias, Euclides não apenas identificava os problemas nacionais de sua época, mas também buscava solucioná-los. Havia uma contradição flagrante entre sua análise realista sobre o Brasil e as teorias que embasavam seu pensamento. Euclides conheceu *in loco* a realidade brasileira “no que ela tem de mais contundente e doloroso”: estudou nossa formação territorial percorrendo grande parte do nosso território, viu a exploração de trabalhadores no campo e nos seringais, a violência do latifúndio, a república sendo utilizada para salvaguardar interesses das classes dominantes, a exemplo da tragédia de Canudos (Moura, 1955, p. 31). *Os Sertões* que originalmente “seria uma apologia das forças da república, transformou-se na maior acusação do seu tempo contra a técnica de se resolverem as questões sociais à bala” (Moura, 1955, p. 35).

Conclusões

Os anos de formação e sociabilidade intelectual de Clóvis Moura, que antecedem suas atividades como historiador e sociólogo autodidata, são marcados por sua atuação na política cultural do PCB. Uma trajetória que se iniciou nos anos 1940 quando Clóvis viveu na Bahia com a família, aderiu ao comunismo, e começou a participar da imprensa de esquerda local publicando poesias e crítica literária¹¹ (Mesquita, 2002; Farias, 2019). Ainda que não tenha sido figura influente no partido, o autor se formou na infraestrutura intelectual pecebista, sobretudo, no jornalismo e na literatura. Tal infraestrutura, além da produção e circulação intelectual, também envolveu a rede de sociabilidade do autor e os espaços que possibilitaram sua produção.

A revista *Fundamentos* marca sua participação no PCB em São Paulo, onde passou a viver nos anos 1950. Suas publicações no periódico refletem a agenda política cultural comunista do primeiro decênio da Guerra Fria como a campanha pela paz mundial, ou pela liberdade de uma companheira encarcerada por motivos políticos, a afirmação do programa do partido, a solidariedade com povos oprimidos que lutam contra o imperialismo. Com exceção do artigo em homenagem a José Martí, esses temas aparecem nas poesias de Clóvis.

¹¹ Em outro espaço tratamos da formação e militância do autor na Bahia nos anos 1940 (ROCHA, 2021)

No entanto, há também dois artigos sobre Euclides da Cunha, publicados em 1952 e 1955. Estes se destacam por marcarem uma importante dimensão da produção de Moura que veio a se desenvolver nas décadas seguintes: a História e a Sociologia Intelectual, através da qual Clóvis analisou criticamente o pensamento social brasileiro. Ainda que os estudos sobre a escravidão e o racismo sejam temas prioritários em sua obra, esta dimensão a que nos referimos não foi menos importante. O autor tem contribuições valiosas sobre o papel dos intelectuais na formação da cultura, na produção científica e no senso comum (acadêmico e popular). Por sinal, Euclides da Cunha foi seu ponto de partida nesta área de estudos.

No conjunto da obra de Clóvis Moura a História e a Sociologia Intelectual estão condensadas em três livros (supracitados no tópico anterior) publicados em épocas diferentes. No entanto é correto afirmarmos que a análise crítica do pensamento social brasileiro – e seus representantes – perpassa toda a obra historiográfica e sociológica do autor, desde a afirmação do sentido político e do papel dinâmico das insurreições negras na estrutura colonial escravista com *Rebeliões da Senzala* (1959) até a elaboração dos verbetes do *Dicionário da escravidão negra no Brasil* (2004).

Por fim, se nos dois artigos sobre Euclides da Cunha publicados em *Fundamentos* (1950-1955) identificamos o embrião de um programa de estudos importante, porém ainda pouco destacado, na obra de Clóvis Moura, nos chama a atenção o fato de os temas que deram notoriedade ao autor – o problema da escravidão e do racismo na formação e reprodução do capitalismo – estarem ausentes nos textos do periódico, embora já estivessem presentes em sua agenda de pesquisa desde os anos 1940 quando vivia em Juazeiro (BA), e já era comunista. A revista *Fundamentos* foi fruto da agenda política e cultural do PCB de seu tempo e espaço.

Referências

- ABREU, Alzira Alves de. Partido Comunista do Brasil (PCB). CPDOC/FGV. Sem data. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/Partido%20Comunista%20Brasileiro%20\(PCB\)%20-%20Primeira%20Rep%C3%BAblica.pdf](https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/Partido%20Comunista%20Brasileiro%20(PCB)%20-%20Primeira%20Rep%C3%BAblica.pdf). Acesso em: 21 set. 2023.
- ARBEX, Luciana B. M. *Intelectualidade brasileira em tempos de Guerra Fria: agenda cultural, revistas e engajamento comunista*. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade de São Paulo, 2012.
- ARTIGAS, Vilanova. *Carta a Clóvis Moura*, 08/05/1952. CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura, Caixa 1, Correspondência recebida.

BRANDÃO, Darwin. *Carta a Clóvis Moura*, 09/08/1948. CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura, Caixa 1, Correspondência recebida.

COSTA, Celaine Ferreira da. O posicionamento do Brasil na Guerra da Coreia (1950-1953). In: *Anais do XXIX Simpósio Nacional de História*. Brasília, DF: 2017. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/35-snh29?start=180> Acesso em 10 out. 2023

CUNHA, Euclides. Um velho problema (1904). In: AMENI, C. S.; WILSON, W. (orgs.). *Euclides Socialista: obras esquecidas*. São Paulo: Autonomia Literária, 2019

FARIAS, Márcio. *Clóvis Moura e o Brasil*. São Paulo: Editora Dandara, 2019

FERREIRA, Daniela de Jesus. *Tempos de lutas e esperanças: a materialização da revista Seiva (1938-1943)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Feira de Santana, 2012.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Volume 2: Os intelectuais. O princípio educativo. O jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016

_____. Hegemonia, Guerra de Movimento, Guerra de Posição. In: COUTINHO, Carlos Nelson (Org). *O leitor de Gramsci*. Escritos escolhidos: 1916-1935. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GROBA, Tiago S. “*Um lugar ao Sol*”: Caderno da Bahia e a virada modernista baiana (1948-1951). 181 folhas. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia, 2012.

MALATIAN, Teresa. *Clóvis Moura: uma biografia*. Teresina: EDUESPI, 2022.

MALATIAN, Teresa. Um jornalista combatente: Clóvis Moura e a política cultural do PCB (1951-1952). In: *História* (São Paulo) vol. 37, 2018.

MELO, Ana Amélia de Moura Cavalcante de. Associação brasileira de escritores: dinâmica de uma disputa. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 27, n. 46, p.711-732, 2011.

MOURA, Clóvis. Euclides da Cunha e a realidade nacional. *Fundamentos: revista de cultura moderna*, São Paulo, n. 38, set/out., 1955. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/Fundamentos/102725>. Acesso em: 18 out 2023.

_____. Canto ao Programa do Partido Comunista do Brasil. *Fundamentos: revista de cultura moderna*, São Paulo, n. 35, out., 1954. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/Fundamentos/102725>. Acesso em: 18 out 2023.

_____. José Martí, herói do povo cubano. *Fundamentos: revista de cultura moderna*, São Paulo, n. 34, jan., 1954. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/Fundamentos/102725>. Acesso em: 18 out 2023.

- _____. A Rosa e a Mosca. *Fundamentos: revista de cultura moderna*, São Paulo, n. 31, jan., 1953. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/Fundamentos/102725>. Acesso em: 18 out 2023.
- _____. Sobre o cinquentenário de “Os Sertões”. *Fundamentos: revista de cultura moderna*, São Paulo, n. 28, jun., 1952. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/Fundamentos/102725>. Acesso em: 18 out 2023.
- _____. Poema de aniversário. *Fundamentos: revista de cultura moderna*, São Paulo, n. 22, set., 1951. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/Fundamentos/102725>. Acesso em: 18 out 2023
- MESQUITA, Érika. *Clóvis Moura: uma visão crítica da história social brasileira*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). São Paulo: Unicamp, 2002
- OLIVEIRA, Fábio Nogueira de. *Clóvis Moura e a sociologia da práxis negra*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). UFF. Niterói, RJ: 2009
- PERICÁS, Luiz Bernardo. *Caio Prado Júnior: uma biografia política*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- ROCHA, Gabriel dos Santos. A questão racial no Partido Comunista. In: SECCO, Lincoln; Luiz Bernardo, PERICÁS (Orgs.). *História do PCB*. Cotia: Ateliê Editorial, 2022.
- _____. Prefácio. In: MOURA, Clóvis. *O Negro: de bom escravo a mau cidadão?* São Paulo: Dandara, 2021a.
- _____. Clóvis Moura: sociabilidade e formação intelectual (1940-1950). *Revista Sem Aspas*, Araraquara, vol. 10, n. 00, p. e021020, 2021. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/view/15871>. Acesso em: 21 set. 2023.
- SANTOS, Eduardo Oliveira dos. *Intelectuais comunistas e a Revista Fundamentos: afirmação e atenuações das diretrizes partidárias (1948-1955)*. Dissertação (Mestrado em História). UFRRJ. Seropédica, RJ, 2016.
- SECCO, Lincoln. *A Batalha dos Livros – Formação da Esquerda no Brasil*. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2017.
- _____. *Caio Prado Júnior: o sentido da revolução*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- _____. Economia da Cultura e Infraestrutura Intelectual, s.d. Disponível em: <https://gmarx.fffch.usp.br/sites/gmarx.fffch.usp.br/files/inline-files/infraestrutura-intelectual.pdf> . Acesso em: 26 set. 2023.
- TEIXEIRA, João. *Anos de Chumbo*: Elisa Branco, Uma Vida em Vermelho. 07 mar. 2023. Disponível em: <https://www.fundacaoastrojildo.org.br/anos-de-chumbo-elisa-branco-uma-vida-em-vermelho/>. Acesso em: 10 out. 2023.